

A LUZ QUE TRANSCENDE O VISÍVEL, A VISÃO E SUAS DIMENSÕES SUBJETIVAS

Ingrid Fonseca (1); Maria Maia Porto (2)

(1) Arquiteta, pós doutoranda na Università degli Studi 'La Sapienza' di Roma e pesquisadora AMBEE FAU UFRJ, ingrid.c.l.fonseca@gmail.com

(2) Arquiteta, D.Sc COPPE UFRJ e pesquisadora AMBEE FAU UFRJ, mariamaiaporto@ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Tecnologia da Construção, Grupo de Estudos em Arquitetura, Conforto Ambiental e Eficiência Energética, Av. Pedro Calmon, n° 550 - Prédio da Reitoria, 4° andar - Cidade Universitária - Rio de Janeiro - RJ, 21941-901, Tel.: (21) 3938 1658

RESUMO

Existem aspectos relacionados a dimensões subjetivas da percepção visual humana, além dos funcionais propagados pela ciência e tecnologia. Estes transcendem a abordagem pragmática e são reconhecidos pela psicologia e filosofia, sendo considerados pela crítica arquitetônica atual. Referem-se a relações de interação do homem com o espaço percebido, que vão além da eficiência visual e pertencem ao domínio do conforto visual e da saúde no sentido mais amplo. Assim, este artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre luz e visão, que admitem dimensões dificilmente mensuráveis, subjetivas e particulares, relacionadas com os sentidos humanos. Como método decidiu-se partir da leitura de textos filosóficos e literários que tangenciam a arquitetura, para, em seguida, destacar aspectos que revelam um conhecimento que transcende os usualmente aplicados em pesquisas de arquitetura e na prática de projeto. Pensadores com publicações de relevância no tema como Marilena Chauí, Gaston Bachelard, Gerard Lebrun, Juhani Pallasmaa, dentre outros, foram referenciados, compondo um conjunto de idéias integradas em tópicos. Essas reflexões organizadas constituem, por si, os resultados do trabalho. Como conclusão aponta-se para a importância das considerações às diversas dimensões subjetivas e complexas da visão e do olhar no estudo da iluminação em sentido mais amplo, já que a arquitetura, inerentemente, interfere na relação do homem com o ambiente e afeta as emoções e consciência de quem as vivencia.

Palavras-chave: luz, percepção visual, dimensões subjetivas da visão humana.

ABSTRACT

There are aspects related to subjective dimensions of human visual perception, beyond those functional propagated by science and technology. These transcend the pragmatic approach and are recognized by psychology and philosophy, being considered by the current architectural criticism. They refer to human interaction relations with the perceived space, beyond the visual efficiency and belong to the visual comfort field and health in the broadest sense. Thus, this article aims to present reflections on light and vision, admitting hardly measurable, subjective and particular dimensions, related to the human senses. As a method it was decided start from the reading of philosophical and literary texts that tangent architecture, to then highlight aspects that reveal a knowledge that transcends the usually applied in research on architecture and design practice. Thinkers with relevant publications on the subject as Marilena Chauí, Gaston Bachelard, Gerard Lebrun, Juhani Pallasmaa, among others, were referenced, composing a set of integrated ideas on topics. These reflections, organized, are by themselves, the results of the paper. As a conclusion, is pointed out the importance of the considerations to the various subjective and complex dimensions of vision and look in the lighting study in a broader sense, since the architecture inherently interfere in man's relationship with the environment and affects the emotions and awareness of who experiences them.

Keywords: light, visual perception, subjective dimensions of human being vision

1. INTRODUÇÃO

A fisiologia do olho humano e sua relação com o processo de percepção visual são conhecidas e aceitas pela Ciência e seu conhecimento, aplicado à Arquitetura. Sabe-se que estímulos luminosos, ao atingirem a retina, provocam impulsos que são propagados através dos nervos óticos às áreas do cérebro que interpretam os sinais visuais recebidos formando assim as imagens. Desta forma é possível enxergar e perceber o mundo: visualizar as formas, as imagens, o próprio espaço e as atividades que nele são realizadas. (BONOW, 1964)

Para o conforto visual, a boa iluminação no campo de visão, em termos de quantidade e qualidade, é essencial para favorecer, em última instância, a produtividade e o desempenho. E, para isso, quantitativamente, são necessários determinados níveis de iluminação, cujos valores de referência devem ser obtidos através de consulta às normas locais.

Qualitativamente, além da consideração às características da fonte de luz, se fazem necessárias preocupações relativas à regulação de contrastes entre áreas iluminadas, assim como o controle de ofuscamento e a análise das características do ambiente: elementos cuja integração determinará o resultado final da iluminação.

Da consideração a este conjunto de fatores provém o conceito de eficiência visual, como resultado do correto equilíbrio entre as variáveis do ambiente que, somados a um sistema visual saudável capacitam o usuário a perceber claramente o ambiente e as tarefas visuais, a se concentrar e ter bom desempenho. (FONSECA, 2000)

Porém, existem aspectos relacionados a uma dimensão no processo de percepção visual que transcendem os funcionais consagrados pela ciência tradicional, mas que a Psicologia e a Filosofia reconhecem. Referem-se às relações de interação do homem com o espaço percebido visualmente, que vão além do aspecto da eficiência visual. Através das condições ambientais, o usuário estabelece relações com o espaço vivenciado, com as coisas e com as pessoas, que transcendem aqueles avaliados quando o objetivo é eficiência visual, ou mesmo eficiência energética. (FONSECA, 2007).

Este artigo constitui uma aproximação a este tema sob as perspectivas filosófica e literária, que admitem uma vertente dificilmente mensurável, e de certa forma subjetiva e particular, relacionada aos sentidos e às emoções. E, para isso, tomando como referência pensadores como Gaston Bachelard, Platão, Descartes, e autores como Marilena Chauí, Adauto Novaes, Gerard Lebrun, Ivone Ferreira e Juhani Pallasmaa dentre outros que têm tratado do assunto, foram elaboradas algumas interligações e reflexões sobre luz, visão e suas dimensões subjetivas. Depoimentos de arquitetos complementam e reforçam tais associações.

2. OBJETIVO

O objetivo deste artigo é explorar aspectos da visão humana e da luz natural, que transcendem os já consagrados nos fundamentos técnico-científicos aplicados em pesquisas e projetos de arquitetura, ou seja, aqueles relacionados à quantidade e à qualidade da iluminação. Busca-se aqui, a partir de revisão da literatura filosófica e poética, ressaltar dimensões da visão e da luz relacionadas aos sentidos e às emoções, e em última instância, à saúde em sua acepção mais ampla.

3. MÉTODO

Para atingir o objetivo de caráter exploratório deste artigo, decidiu-se partir da leitura de textos filosóficos e literários que tangenciam a arquitetura, para, em seguida, destacar aspectos que revelam um conhecimento que transcende os usualmente aplicados, seja em pesquisa ou projeto de arquitetura. Foram selecionados escritos e ideias de pensadores como Marilena Chauí, Adauto Novaes, Ivone Ferreira, Gerard Lebrun, Bachelard, Platão, Descartes, Juhani Pallasmaa, entre outros, para que as interligações e reflexões sobre o tema pudessem ser estabelecidas. Depoimentos de arquitetos complementaram e reforçaram tais associações. O conteúdo pesquisado foi reorganizado em tópicos de interesse, sendo muita das vezes, propositalmente transcrito *ipsis litteris*, para que tanto o discurso filosófico como a abordagem poética se mantivessem, dado o objetivo do artigo. As reflexões, por si, constituem os resultados alcançados.

4. RESULTADOS

4.1. Especificidades do sentido da visão

Adauto Novaes refere-se a Levi-Strauss e a um interessante desencontro muito atual de abordagem relativa

aos sentidos humanos: “Para se afirmar contra velhas gerações de pensamento, diz ele [Levi Strauss], a ciência voltou as costas ao mundo dos sentidos, o mundo das paixões e desejos, o mundo que vemos e percebemos.

Se a realidade é o domínio do impreciso (...) por que a ciência – ou a precisão científica – passou a ter soberania tão absoluta sobre os sentidos?” (NOVAES, 2003, p.9)

Marilena Chauí afirma que a percepção é uma relação do sujeito com o mundo exterior e um não existe sem o outro. O mundo é percebido qualitativamente, afetivamente e valorativamente e reage-se positiva ou negativamente aos estímulos ambientais. As pessoas dão às coisas percebidas novos sentidos e novos valores, pois elas fazem parte de suas vidas e elas interagem com o mundo. Assim, a percepção é uma forma de comunicação que se estabelece com os outros e com as coisas, depende do mundo e dos sentidos, do exterior e do interior. A percepção envolve toda a personalidade, a história pessoal, a afetividade, os desejos e paixões. (CHAUÍ, 1998)

Estudos em Percepção Ambiental consideram o homem como um ser que se encontra “dentro” do entorno que se movimenta. A percepção tronou-se, então, um instrumento mediador entre o usuário e seu meio ambiente. (DE PAULA, 2004)

E, nesta relação homem/ambiente, o sentido da visão destaca-se como fonte primeira da interação do homem com o meio, pois apesar de se perceber o mundo e suas qualidades através de todos os sentidos, a visão é capaz de fornecer maior quantidade de informações a respeito do mundo vivenciado, qualidade que caracteriza o homem como é um ser predominantemente visual.

A visão, desta forma soberana sobre os demais sentidos, é capaz de apreender toda uma complexidade e diversidade de estímulos de uma só vez, o que lhe atribui certas especificidades, das quais destacam-se: as diferentes formas de recepção de informações que a visão alterna diante do universo vivenciado, assumindo dimensão maior que a de mero meio de visualização, e que, por sua vez, possibilitam a imaginação; e, dos sentidos, é a que tem necessidade da presença de um terceiro elemento para que ela se efetive, a luz. Começemos por esta.

Como nos lembra Marilena Chauí, Descartes entoou um hino aos olhos:

“O olho, pelo qual a beleza do universo é revelada a nossa contemplação, é de tal excelência que todo aquele que se resignasse à sua perda privar-se-ia de conhecer todas as obras da natureza cuja vista faz a alma ficar feliz na prisão do corpo, graças aos olhos que lhe representam a infinita variedade da criação” (Descartes *Apud* NOVAES, Op. Cit, p. 54)

4.2. O estímulo luminoso e a visão

A visão depende da presença de um terceiro elemento, o que lhe atribui especificidade sobre os demais: reconhece-se que, para que haja visão, é preciso haver, além do homem e das coisas, a luz - estímulo primário no processo de visualização, logo, de formação das imagens.

A luz assume papel primordial na relação entre homem e a percepção visual.

Gerard Lebrun remete-se às reflexões de Sócrates sobre esta particularidade do sentido da visão:

“Para que as coisas visíveis sejam percebidas pelo olho, é preciso que esteja presente um elemento “de um outro gênero”. Ora, tal não é o caso para os outros órgãos dos sentidos: nenhum destes depende do “meio” como a visão depende da luz, e a ausência de um terceiro elemento não interrompe o exercício da audição, nem do tato, nem do olfato. Por outro lado, o olho é como que cego na ausência do Sol e da luz por ele irradiada. É esta extrema dependência da visão em relação ao Sol que lhe permite ser tomado como a imagem do Bem.” (NOVAES, Op. Cit., p.24)

Ainda Lebrun, enfatizando a importância da luz para a visão, agora com base nas idéias de Platão:

“Quando um objeto sensível toca o campo luminoso, produz-se um movimento que é transmitido através do corpo até a alma, e que nos traz esta sensação “pela qual dizemos haver visão”. Mas, quando cai a noite, o fogo interior que escapa do olho não encontra mais no ar ambiente um elemento exterior que lhe seja semelhante. Foco luminoso precário, o olho, então, deixa de ver; suas pálpebras se fecham e vem o sono (...). Assim como, nas trevas, o olho acaba por fechar-se e a alma por adormecer (...).” (Ibid., p. 24)

Nas palavras de Ferreira Gular pode ser reconhecida a poesia que associa luz e visão: “ (...) quando é

de noite, uma noite escura e espessa, eu não tenho a noção dos planos. È uma realidade sem objetos, sem coisas, e isto nos faz ver o quanto a vista é significativa. Na medida em que a luz se acende, então, o mundo parece surgir pra nós, revelado.” (Ibid., p. 218)

Para Descartes ver era perceber, como destacado por Katia Muricy. Mas essa percepção, certamente possuindo seu corpo sensível, só é vista, isto é, só se torna transparente para o espírito, pela luz, anterior a qualquer olhar. O primeiro discurso da Dióptrica é sobre a luz. Descartes, para explicar o que é a luz e qual a sua importância para a vista, o sentido que considera “o mais universal e o mais nobre” entre todos, faz uma comparação, entre o que a luz é para o homem, com o que o bastão é para o cego: uma espécie de sexto sentido. Mais adiante, no quarto discurso, Descartes afirma que é a alma que realmente vê, sente. E comprova a sua afirmação expondo certas circunstâncias em que a alma está distraída ou muito concentrada e o corpo fica com suas sensações enfraquecidas ou, até, desprovido delas. (Ibid.)

4.3. A visão do conhecimento e a visão contemplativa

A outra especificidade deste sentido se refere às formas de visão que o homem alterna diante do mundo.

Uma delas, e talvez a forma mais imediata que se tem de receber o universo vivenciado, é através da visão que enxerga as coisas exatamente como elas se revelam: aquela que faz perceber a “realidade”, a que enxerga o “palpável”, logo, aquela que tantas vezes associa-se à verdade. É a que fez muitos pensadores, como Gerard Lebrun, a escolherem como modelo do “saber”. (Ibid.)

Através dela as imagens são percebidas, objetos e formas são reconhecidos. Enfim, obtém-se uma complexidade de informações e distinguem-se umas das outras. De fato, sob este aspecto, pode-se afirmar que esta é relacionada à certeza, por que se vê. E, uma “visão” basta para excluir a dúvida.

Lebrun relembra por que Platão deu tanta importância ao tema da iluminação: “Por que ele diz que é preciso que a alma receba a luz para estar pronta a conhecer verdadeiramente? Isso não está aí simplesmente para fixá-los sobre os objetos inteligíveis.” (Ibid., p. 25) Ilustra citando a “alegoria da caverna” de Platão para ver o que ela ensina a respeito da iluminação. A história pode ser dividida em quatro episódios (Ibid., p.26):

1º) os prisioneiros, acorrentados, imobilizados, sem poder mover a cabeça, observam sombras de marionetes que desfilam em uma parede. Eles as tomam por seres verdadeiros e crêem ouvi-las falar, quando na realidade ouvem as vozes dos carregadores;

2º) o cativo liberto, deslumbrado pela luz do fogo, é forçado a olhar as marionetes que passam por cima do muro;

3º) tirado para fora do antro, ele é de princípio cegado pela luz, e é incapaz de observar “o que agora chamamos de seres reais”. Aos poucos ele vai se acostumando. Observa as sombras e os reflexos, depois os próprios seres que projetam essas sombras;

4º) Seu olhar se eleva em direção ao Sol. Ele conclui que esse é que produz a vida e as estações, e que é “de alguma forma a causa” de tudo o que ele via quando estava sentado na caverna”.

Segundo Lebrun, compreende-se agora que as “trevas” representam não a simples ignorância, mas a ingenuidade, que é coisa completamente diversa.

“(…) é o Sol que garante a existência do mundo, dos seres vivos, dos artefatos que esses fabricam, dos fogos que acendem e das sombras que estes últimos projetam.” É o Sol, fonte de toda a luz e de toda a realidade. (Ibid., p.27)

Para Alfredo Bosi, os olhos, quando abertos, recebem com prazer ou desprazer uma infinidade de informações, figuras, formas, cores. E o efeito desse encontro deslumbrante pode ter um nome: conhecimento, e para conhecer basta abrir bem os olhos em um espaço iluminado. “Conhecer é estar invadido e habitado pelas imagens errantes de um cosmos luminoso.” (Ibid., p. 67)

E, despertar o conhecimento é trazer informações a respeito das qualidades dos objetos, mesmo sem tocarmos; de distância, mesmo sem a percorrermos; de odores, sem sentirmos; de gosto sem experimentarmos; de ruídos, sem os ouvirmos.

Assim, a visão é considerada como fonte de conhecimento e logo, como reveladora de um mundo conhecido, de uma dimensão conhecida. Daí acontece a osmose entre visão e conhecimento.

Huertas et al. concordam que a visão é a modalidade sensorial que mais proporciona a antecipação perceptiva, que corresponde à propriedade que algumas modalidades sensoriais apresentam e que permitem ao homem conhecer de antemão a disposição, o tamanho e o tipo de objeto que se situa num determinado ambiente. Mas concebem também que a percepção possui caráter subjetivo, constituído por atribuição de significados pessoais, não se resumindo à captação sensorial direta. Ela permite conhecer facilmente a forma, a distância e a posição de todo o conjunto de estímulos ambientais que o campo visual abarca. (DE PAULA, 2004)

A afirmativa de Marilena Chauí reforça a idéia: “Há variação no olhar”. (NOVAES, Op. Cit., p. 36).

Somando à forma de atuação objetiva da visão, Marilena Chauí (1998) acrescenta outras possibilidades: não apenas vigiar e espiar, mas refletir, considerar, estabelecer julgamento e contemplar.

Reconhece-se, desta forma, que a visão vai além de revelar o conhecido, mas que o completa, tendo o desconhecido seu lugar. Uma forma de visão em que a mente se deixar levar e divagar filosoficamente. De acordo com Chauí, o espírito se concentra na mente atenta e a visão tanto observa e discrimina como contempla e “vê milagres”, “Aos olhos maravilhados que mergulham no milagre, contrapõe-se um outro atento, avesso à admiração e ao espaço.” (Ibid., p. 37).

“A vista é o mais espiritual de todos os sentidos” (Giordano Bruno *Apud* NOVAES, 2003, p. 17)

E, Adauto Novaes, ao se remeter à Starobinski, diz: “Quando conseguimos desvendar os olhos, reconhecemos: “a vontade de delimitar, de geometrizar, de fixar relações estáveis, **que não se impõe sem uma violência suplementar sobre a experiência natural do olhar**” [grifo nosso].” E acrescenta : “O olhar deseja sempre mais do que o que lhe é dado a ver”, (NOVAES, Op. Cit, p.9).

Há que se cuidar para que a objetividade das informações concretas e conscientes visualizadas de imediato não suplante àquela que passeia, contempla e reflete.

“Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] É a janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um tormento [...] Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo?” (LEONARDO DA VINCI *Apud* NOVAES, 2003, p. 31)

As palavras de Marilena Chauí ratificam a complexidade e amplitude da visão: “As coisas são configurações abertas que se oferecem ao olhar, por perfis e sob o modo do inacabamento, pois nunca nossos olhos verão de uma só vez todas as suas faces (totalidade visual que o olho do espírito imagina ver porque dela se apropria pelo conceito)”. (NOVAES, Op. Cit., p. 58)

Ferreira Gullar, falando sobre o privilégio e o fascínio do dom da visão expressa:

“Então o olhar...(...) eu imagino o olhar. Se eu não olhasse, se eu não tivesse do mundo a apreensão pelo olhar, só o apreendesse pelo tato, pelos ouvidos, pelo olfato, pelo gosto, se eu só o apreendesse assim, que noção eu teria por exemplo da manhã? O que seria a manhã, o amanhecer, o dia, e o entardecer, a noite? Que visão teria eu dessa realidade, se eu não apreendesse o mundo pelo olhar?” (NOVAES, Op. Cit., p. 217)

E reforça a transcendência do sentido da visão, que se sobrepõe aos demais:

“A textura, a corporeidade das coisas, dos objetos, é diferente se eu apenas tocar com os dedos. Mas, quando eu olho a riqueza que a minha percepção recebe do olhar é uma coisa incomparável com relação à que os outros sentidos me permitem apreender.”
.....
Então me parece que a construção do mundo humano deve muito ao fato de que o homem vê a realidade, de que ele apreende a realidade inclusive e principalmente pelo olhar. Ele é quase a base do conhecimento, não é verdade? (...)” (NOVAES, Op. Cit., p. 218)

Metaforicamente, fala-se nos “olhos do espírito”. Indaga Gerard Lebrun “Não seria o fato de ver o melhor análogo desta apreensão pontual de um conteúdo pelo espírito?”. (NOVAES, Op. Cit., p. 21)

Flávio Aguiar diz que:

“Uma visão consiste tanto no caráter único da imagem percebida como na natureza particular da contemplação que se tem dessa imagem. A visão se põe como um gesto dramático, onde o olhar e o objeto do olhar se confundem, se queimam, e um saber se completa e portanto se revela. O olhar apreende a identidade daquilo que acabara de ver, de tudo o que vira, inclusive de si mesmo, olhar. Uma visão revela o mundo enquanto portador de um segredo, que pode muito bem ser um enigma, e não uma resposta.” (NOVAES, Op. Cit., p. 317)

E, além disto, acrescenta: “Uma visão nos põe além do mundo do conhecimento, que admite o desconhecido; ela emerge do mundo do saber, que admite o enigma, o limite, o silêncio.” (NOVAES, Op. Cit., p. 318) E, desta forma, aqui compreende-se essa dimensão da visão contemplativa, que reflete, trata do desconhecido, se sobrepõe ao conhecido revelado pela mesma visão.

Seria nesta dimensão, que o “devaneio operante” encontraria lugar, onde surgem as primeiras imagens poéticas, originárias de nossa alma, a que se refere Bachelard?

4.4. Visão e imaginação reprodutora

As relações que se estabelecem com os espaços vivenciados, com as coisas e pessoas passam a ter significado a partir da percepção individual e dos registros, na forma de imagens deixadas por ela na mente. Assim, a percepção visual torna possível a imaginação reprodutora considerada, segundo a tradição filosófica, “como um resíduo do objeto percebido que permanece retido na consciência. A imagem seria um rastro ou um vestígio deixado pela percepção”, como afirma Marilena Chauí (CHAUÍ, 1996, p. 131).

Laurent Mannoni diz que Aristóteles percebeu que, ao olhar fixamente para o sol, não conseguia depois, apagá-lo de seus olhos. A mancha luminosa que observava em sua visão por fim desaparecia, após ter ficado avermelhada. Ele conclui daí, em sua obra *Sur les songes (Dos sonhos)*, que os órgãos retinham as impressões recebidas. Para ele, o sonho era causado por essas sensações. Que retornavam com intensidade para perturbar o sono do homem. (MANONI, 2003)

O poeta romano Lucrécio, em *De rerum natura (Da natureza das coisas)*, propôs uma teoria diferente, não menos poética. Os objetos observados pelo olho lançavam “simulacros” no espaço, que retinham a forma e a cor dos objetos. Tais emanções penetravam nos olhos, mas algumas delas se insinuavam até a alma, e assim nasciam os sonhos. A alma era de certo modo avassalada por esses simulacros, que se manifestavam particularmente durante o sono. (MANNONI, Op. Cit.)

4.5. A imaginação criadora de Bachelard

Transcendendo a abordagem sobre imaginação reprodutora a que se refere a psicologia tradicional, como a possível através de registros deixados pelas imagens visualizadas e percebidas, apresenta-se a teoria sobre a imaginação criadora de Bachelard, que se rebela contra a tradição. Para ele, a imaginação não é a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. (BACHELARD, 2002)

Para ele, tudo que é dito nos manuais sobre a imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções completamente diferentes da imaginação reprodutora.

Segundo Bachelard a imaginação criadora surge do devaneio poético, que contrariamente ao devaneio sem rumo, sem finalidade, é um devaneio operante, derivado do sonho diurno, oposto ao sonho noturno, onde não somos sujeitos de nossas ações. (Ibid.)

É nesse estado de devaneio que surgem as primeiras imagens poéticas, originárias da alma.

Desta forma, entende-se que a luz formadora de imagem, que permite tanto a visão do conhecido, que encontra na razão seu simbolismo e fonte da imaginação reprodutora tradicional, é a mesma que permite a atuação da visão contemplativa, onde a alma passeia sobre as coisas, que toca o desconhecido, berço da filosofia e da imaginação criadora de Bachelard onde, do devaneio, emerge a imagem poética.

4.6. As imagens e as emoções

A relação do olho com o cérebro é íntima, estrutural. Algumas teorias revolucionárias, como a do anatomista Stephen Poliak, mencionado por Alfredo Bosi, trazem a idéia de que foi a partir da evolução dos olhos de pequenos organismos aquáticos, que viveram há mais de um bilhão de anos atrás, que se formou o tecido cerebral, atribuindo assim ao órgão da visão a responsabilidade pela formação do cérebro humano onde, segundo ele, estaria a sede da visualidade. (NOVAES, Op. Cit.)

E, a luz que atinge o cérebro e revela o mundo conhecido por cada um, atinge também as áreas visuais e as áreas responsáveis pelas emoções.

Adauto Novaes menciona que Giordano Bruno refere-se a um embate entre os olhos e o coração:

“O diálogo começa com uma acusação e um lamento do coração: ele se queixa do fogo que o consome e acusa os olhos de serem ‘causa desse cruel incêndio’ que nem toda a água do oceano bastaria para apagar. É que a primeira chama veio dos olhos, porque a razão excita o desejo: ‘perceber, ver, conhecer, eis, em verdade, o que o desejo acende. É, pois, graças aos olhos que o coração é incendiado’.

Por sua vez, os olhos acusam o coração de ser o princípio de todas as lágrimas: na verdade, o fogo e a dor do coração fazem brotar as lágrimas dos olhos: se os olhos incendeiam o coração, é por causa do coração que os olhos são inundados em lágrimas. ‘Copiosas lágrimas que, se espalhadas, inundariam o universo.’ (NOVAES, Op. Cit., p. 18)

Ivone Ferreira reforça a existência de interligações entre as imagens e as emoções. Segundo ela, o homem tem uma proximidade muito forte com as imagens, na medida em que pensa por imagens e são estas que lhe suscitam emoções. Constatou-se em descoberta científica que razão e a emoção se interceptam numa zona específica do cérebro, deitando totalmente por terra a ideia de que a razão está na cabeça e as emoções no corpo. Ivone acrescenta ainda que existe uma região do cérebro onde os sistemas responsáveis pelas emoções, pela atenção e pela memória interagem de uma forma tão próxima que constituem a fonte de energia para o movimento e para a animação do pensamento. (FERREIRA, 2004)

Segundo Ivone Ferreira, William James, há mais de um século atrás, postulou a existência de um mecanismo básico, em que determinados estímulos do meio ambiente provocam uma resposta específica no corpo.

E, para Bachelard, as imagens seduzem, como, por exemplo, o faz a imagem da chama, em primazia: “Ela nos força a imaginar” (BACHELARD, 2002, p.9)

Ainda, na poética de Bachelard: A chama determina o prazer de ver algo além do sempre visto. Ela nos força a olhar. (Ibid., p.11)

4.7. A poética da luz

A luz, que permite a visão, responsável pela formação das imagens, sinônimo de conhecimento e fruto de desejo, considerada os “olhos do espírito”, que permite o passeio da alma. Quantas coisas a luz suscita em nós...

E, se for considerada a forma como ela se faz presente? Por exemplo, a luz estática, aquela que não apresenta variações seja em seu espectro, seja em sua intensidade, por exemplo, a gerada artificialmente, sempre presente no mesmo lugar, da mesma forma, que revela aos olhos as coisas da forma que elas são, seria diferente da luz que apresenta variações em seu espectro, intensidade, posicionamento, ou seja, aquela dinâmica e que faz as coisas e espaços serem percebidos de formas diferentes mesmo que pela mesma pessoa? A luz que trás dinâmica ao espaço e logo, dinamiza a forma de percebê-lo, impulsionaria o passeio da mente?

Movimentos de luz fascinam e seduzem, e baseados neste tema, são apresentados a seguir pequenos relatos de Laurent Mannoni. O filósofo Gaston Bachelard também presenteou seus leitores com reflexões que envolvem um discurso a respeito da chama da vela, a luz dinâmica que deixa levar os pensamentos, filosofar e, num prosseguimento, serão abordados os simbolismos associados à luz e à escuridão, relacionados ao espaço da casa, da morada do homem, segundo o mesmo autor. (BACHELARD, 2002)

4.8. A sedução da luz dinâmica

Mannoni descreve como a luz e as imagens exploradas através de seus efeitos projetores, seduziam assim como ainda seduzem as pessoas e contribuem para a magia e encantamento do cinema.

Tendo efeitos luminosos como protagonista, descreve sua magia e as descobertas da projeção com luz e aperfeiçoamentos das técnicas rudimentares até chegar à técnica de projeção que hoje caracteriza o cinema.

Lembra que o sonho de projetar numa parede ou numa tela imagens luminosas e animadas é, na história da humanidade, quase tão antigo quanto o sonho de voar. E conta como as primeiras projeções encantavam os observadores:

“A lanterna viva emitia apenas coloridos e não permitia projeções verdadeiras. Uma tira de papel translúcido pintado com figuras grotescas ou diabólicas era colocada dentro de um cilindro de papel ou de chapa de ferro decorativamente perfurada. Na parte de cima do cilindro, colocava-se uma espécie de hélice de estanho, que girava em torno de um eixo, uma haste de ferro, onde se fixava o desenho translúcido. Uma vela ardia no centro da lanterna, e o calor por ela produzido fazia girar a hélice, movendo a tira de papel pintado. As figuras de cores vivas giravam assim em torno de seu coração luminoso e projetavam em torno de si vagos reflexos matizados. Se o cilindro fosse de metal vazado, as imagens pintadas dançavam nas paredes em volta. O efeito era limitado, mas tinha um certo encanto.” (MANONI, 2003, p. 53)

Henri Langlois, fundador da Cinémathèque Française, lamentava jamais ter encontrado para seu museu do cinema as lanternas mágicas multicores descritas por Omar Khayan e que faziam a alegria dos mercados persas no século XI.

“Não teve a oportunidade de encontrar tal coisa: o poeta e matemático persa Omar Khayan, que viveu nos séculos XI e XII, de modo algum fez referência a uma lanterna mágica, mas a um espetáculo de sombras mágicas no interior de uma caixa iluminada pelo sol (“magic shadow-show” – espetáculo de sombras mágicas – lê-se numa tradução inglesa do século XIX; “Play’d in a box whose candle is the sun”)

.....
“Basta introduzir a placa de ponta-cabeça no passa-vistas e na frente do foco luminoso de uma vela ou de uma lâmpada a petróleo, para que imediatamente, como escreveu Goethe, em 1774, (...) as imagens multicoloridas brilhem sobre a parede branca! E, embora não seja mais que uma ilusão passageira, fazem nossa felicidade pois, como crianças, ali ficamos arrebatados por essas maravilhosas aparições.” (MANNONI, 2003, p. 58)

A descoberta do fogo marca um ponto importante na história da humanidade. Uma das hipóteses discutidas é a de que essa descoberta mudou não apenas o modo de vida dos nossos antepassados, mas também a forma de pensar. O fogo teria dado ao homem dois elementos preciosos: oportunidade e tempo. Para imaginar, sonhar. Para a mente viajar. Era o que o homo ergaster precisava para evoluir: imaginação.

Bachelard fala dos encantos e das possibilidades diante da chama de uma vela acesa e diz que a luz da vela, que contrariando a ação da gravidade tenta alcançar o céu, é agente motivador da meditação e da filosofia. É esta chama, inconstante e dinâmica, em movimento que movimenta o pensar. Desta forma, ela não é mais um objeto de percepção: transformou-se em um objeto filosófico. Diz: “Antigamente, em um passado esquecido pelos próprios sonhos, a chama de uma vela fazia os sábios pensarem; provocava mil devaneios no filósofo solitário” (BACHELARD, 2002, p. 25).

Afirma que a chama, dentre os objetos do mundo que nos fazem sonhar, é um dos maiores operadores de imagens. Ela nos força a imaginar. Diante dela, desde que se sonhe, o que se percebe não é nada, comparado com o que se imagina. Ela traz consigo um valor seu, de metáforas e imagens, nos domínios das mais diversas meditações.

“Sobre a mesa do filósofo, ao lado dos objetos prisioneiros em suas formas, ao lado dos livros que instruíam lentamente, a chama da vela chamava pensamentos sem medida, suscitava imagens sem limite”. (Ibid., p. 26)

A chama determina o prazer de ver, algo além do sempre visto. Ela nos força a olhar. “A chama é um mundo para o homem só. Então, se o sonhador de chama fala com a chama, fala consigo mesmo, ei-lo poeta”. (Ibid., p.12) O autor reflete sobre a vela como medidora de tempo, assim como a ampulheta, só que com uma particularidade: “A chama é uma ampulheta que escorre para o alto” (Ibid., p. 30) e a associa com o passar de um tempo leve, ao contrário do medido pela ampulheta, o tempo pesado. Para a vela, o tempo é lento. A vela que conta o tempo lento, tranquilo, paciente, acalma. (Ibid.)

A vela, dona de uma luz dinâmica, que se movimenta, torna-se companhia: “Lichtenberg disse que o homem tem tanta necessidade de uma companhia que sonhando na solidão sente-se menos só diante da vela acesa”, afirma Bachelard (Ibid., p. 40).

4.9. Luz e afeto

Gaston Bachelard explora também os significados dos espaços da morada do homem, espaço do devaneio, associando-os à presença da luz e da escuridão: do porão escuro; passando pelos cantos, armários, cofres e gavetas, esconderijos sem luz, de nosso íntimo, lugares onde fluem a imaginação e segredos se guardam; até o sótão, lugar da luz, sem mistérios, lugar do conhecido. (BACHELARD, 2000)

Associa a luz do sótão aos nossos estados de consciência e racionalidade; e a escuridão do porão, aos estados de irracionalidade e onde o inconsciente tem seu lugar.

Explica que “o teto revela imediatamente sua razão de ser: cobre o homem que teme a chuva e o sol”. (Ibid., p.36) Para ele, todos os pensamentos ligados ao telhado são claros. No sótão, a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite. Ao passo que “No porão há trevas dia e noite. Mesmo com uma vela na mão o homem vê sombras dançarem na muralha negra do porão”. (Ibid., p. 37).

“Em nossa civilização, que põe a mesma luz em toda parte, que instala eletricidade no porão, já não se vai ao porão de vela na mão. O inconsciente não se civiliza. Ele apanha a vela para descer do porão.” (Ibid., p. 38) E, descer ao porão seria uma bela oportunidade para se sonhar.

Sobre lugares fechados, escuros, Bachelard diz:

“(…) as imagens de intimidade são solidárias com as gavetas e os cofres, solidárias com todos os esconderijos em que o homem, grande sonhador de fechaduras, encerra ou dissimula seus segredos.

.....
“O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta.”

.....
(...) o espaço interior do velho armário é profundo. O espaço interior do armário é um espaço de intimidade, um espaço que não se abre para qualquer um.” (Ibid., p. 91)

Ainda, sobre os lugares sem luz, ou na penumbra, de intimidade diz, “(...) eis o ponto de partida de nossas reflexões: todo canto de uma casa, todo ângulo de um quarto, todo espaço reduzido onde gostamos de encolher-nos, de recolher-nos em nós mesmos é, para a imaginação, uma solidão, ou seja, o germe de um quarto, o germe de uma casa.” (Ibid., p. 145)

As reflexões de Bachelard reforçam as associações entre a caverna e o espaço introvertido, em oposição à associação entre o espaço aerado, exposto à luz e o espaço extrovertido? Entre escuridão e tranqüilidade, quietude, calma?

O arquiteto mexicano Luis Barragan (MILLET, 1995) defendeu a “meia- luz”, reforçando tais associações:

“Arquitetos estão esquecendo a necessidade dos seres humanos por meia-luz, o tipo de luz que impõe a tranqüilidade, nas suas salas bem como nos seus quartos... Nós deveríamos tentar recuperar a tranqüilidade mental e espiritual e aliviar a ansiedade, uma característica evidente nestes dias agitados, e os prazeres de pensar, trabalhar, a convivência é intensificada pela ausência da claridade, da luz que distrai.” (MILLET, 1995, p. 32)

4.10. A visão e sua integração com os demais sentidos

Dando sequência a essas reflexões, Juhani Pallasmaa tem alertado para a importância da relação da visão com os demais sentidos, com a finalidade de contribuir para uma revisão da prática arquitetônica atual. (PALLASMAA, 2011)

Se a arquitetura tem papel crucial como mediadora da existência do indivíduo, os sentidos integrados constituem peça chave desse processo. Através da arquitetura, o homem dá uma medida humana ao tempo e ao espaço – variáveis muito abstratas.

“Como consequência dessa interdependência entre o espaço e o tempo, a dialética do espaço externo e interno, do físico e do espiritual, do material e do mental, das prioridades inconscientes e conscientes, em termos dos sentidos e de suas funções e interações relativas, tem um papel essencial na natureza das artes e da arquitetura”. (Ibid., p. 17)

A visão não deve estar isolada dos demais sentidos, mas sim integrada à experiência sensorial global e corpórea. Pallasmaa relembra a concepção de Merleau-Ponty sobre a visão corporificada e acredita que as sensações de alienação e isolamento, frequentes nas vivências contemporâneas, possam estar relacionadas a uma “certa patologia dos sentidos” (Ibid.). Segundo o arquiteto, a predileção da visão não deveria estar dissociada da sensibilidade do tato, por exemplo. O tato é o sentido que toca a matéria, iluminada ou sob a sombra, com peso e textura, que reforça e confirma, (ou faz surpreender) o que os olhos vêem sob a luz, numa experiência em tempo mais lento, abordagem hoje essencial.

Sendo a visão o sentido dominante, no modernismo se evidenciou seu destaque em detrimento de outros. Le Corbusier teria dito: “Eu sou e permaneço um visual convicto – tudo está no visual” (Le Corbusier *Apud* PALLASMAA, 2011, p. 26), No entanto, ainda em afirmativa de Le Corbusier depreende-se a importância da visão na medida, e integrada ao corpo: “O homem vê a arquitetura com seus olhos que estão a 1 metro e 70 centímetros do solo.” (Le Corbusier *Apud* PALLASMAA, 2011, p. 26)

Enfim, se o excesso de imagens, descoladas da matéria, das últimas décadas veio atender a uma demanda e progresso tecnológico, para Pallasmaa essa saturação pode levar a um desconforto e, num paradoxo feliz, a um olhar participativo e empático do homem do século XXI para novas práticas. Os novos arquitetos estariam resgatando a sensualidade da arquitetura “por meio de um senso reforçado de materialidade e tatilidade, textura e peso, densidade do espaço e da luz materializada.” (PALLASMAA, Op. Cit., p.36)

5. CONCLUSÕES

No encontro entre o homem e a arquitetura são suscitadas percepções, emoções e reações. A qualidade deste encontro é afetada também pela quantidade e pela qualidade de luz presente. Ao projetarmos espaços,

projetamos imagens, paisagens e estamos projetando também a forma do ser humano se relacionar com elas e com o mundo.

É a luz presente que permite ver o visível e o além do visível. A luz e todo simbolismo associado. A necessidade da luz pensada, dosada. O jogo de luz (que revela formas, texturas, desvela e torna o mundo visível) e de sombra (que oculta, instalando a dúvida, o mistério) é inerente à arquitetura.

Efeitos de luz e sombra despertam sentimentos, emoções, ativam memória, despertam um estado de espírito.

Desta forma, sejamos sensíveis a seu potencial simbólico e poético, como recurso de expressão, como favorecedora de bem-estar humano e suscitadora de emoções.

A luz seleciona o visível, desvela a verdade e seu revés. A sombra esconde as certezas, gera as inseguranças e cria o mistério. É na beleza e na dinâmica do jogo, por vezes tenso e por vezes suave, de luz e sombra, que se vive a oposição entre certeza e dúvida, clareza e mistério, realidade e fantasia. A luz é a reveladora de imagens “concretas” e berço do devaneio, responsável pela imaginação reprodutora da psicologia tradicional e pela imaginação criadora de Bachelard, pela imagem percebida e a imagem poética, instrumento de grande potencial para o espaço que se revela, suscita emoções, seduz, e, por sua vez, é fonte de interpretações diversas.

Há que se resgatar a experiência sensorial integrada na arquitetura contemporânea. E com isso proporcionar ao homem uma arquitetura que além de cumprir seu importante papel funcional, formal e estético, seja também o espaço de significativas interações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2002.
- BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- BONOW, I. W. **Elementos de Psicologia**. 7ª ed., São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 7ª ed., São Paulo: Ed. Ática, 1996.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. 10ª ed., São Paulo: Ed. Ática, 1998.
- DE PAULA, K. C. L. **A arquitetura além da visão: uma reflexão sobre a experiência no ambiente construído a partir da percepção das pessoas cegas congênitas**. Dissertação de Mestrado. Proarq/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- FERREIRA, I. **Psicologia da Imagem: um retrato do discurso persuasivo na Internet**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php3?html2=ferreira-ivone-psicologia-imagem.html>>, 2004.
- FONSECA, I. C. L. **Qualidade da luz e sua influência sobre a saúde, estado de ânimo e comportamento do homem**. Dissertação de Mestrado, PROARQ/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- FONSECA, I. C. L. **Dimensões da luz natural na interação do homem com a Arquitetura – estudos à luz de cúpulas de Brunelleschi, Michelangelo & Palladio**. Tese de Doutorado, PROARQ/FAU/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- MANNONI, L. **A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema**. São Paulo: Ed. Unesp/Ed. Senac, 2003.
- MILLET, M. S. **Light Revealing Architecture**. Disponível em: <<http://www.arq.ufsc.br/~labcon/arq5656/livro/>>, 1995.
- NOVAES, A. (org.) **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- PALLASMAA, J. **Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- PLUMMER H. **Poetics of light, Architecture and urbanism**. Extra edition, Tokyo: A + U Publishing Co, Ltd, 1987.